



Tema ENEM: A volta de doenças erradicadas no Brasil

Código da Redação
ENEM292019

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

No século XXI, o avanço da globalização de pessoas e de mercadorias, o desmatamento e a erosão das fronteiras entre a zona rural e a urbana e a presença de grandes contingentes populacionais não imunizados parecem ter criado um ambiente favorável para o recrudescimento de epidemias de febre amarela. Até recentemente, a doença, que tem uma vacina eficiente desde os anos 1930, era vista como sob controle ou restrita a regiões endêmicas dos dois continentes em que ocorre, a porção subsaariana da África, uma das áreas mais pobres do mundo, e rincões da América do Sul, geralmente as calhas dos rios Amazonas e Orinoco, ou o Centro-Oeste do Brasil. A eclosão de epidemias recentes dos dois lados do Atlântico trouxe de volta a febre amarela ao debate internacional sobre saúde pública.

O Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos), da Fiocruz, no Rio Janeiro, é o principal produtor mundial da vacina de febre amarela. A epidemia da doença no Brasil fez o instituto triplicar sua produção do imunizante nos dois primeiros meses de 2017. “Antes fabricávamos de 2 a 3 milhões de doses da vacina por mês”, diz o engenheiro químico Antônio de Padua Risolia Barbosa, vice-diretor de produção de Bio-Manguinhos. “Agora estamos produzindo entre 7 e 9 milhões de doses.” Há outras frentes de pesquisa nas unidades da Fiocruz, como desenvolver uma nova vacina que possa ser aplicada em todas as pessoas, sem restrições. “Testamos uma vacina de DNA em camundongos há dois anos que obteve 100% de sucesso em conferir imunidade”, comenta o biólogo molecular Rafael Dhalia, da Fiocruz de Pernambuco, um dos inventores do imunizante. “Estamos procurando parceiros dispostos a bancar os testes clínicos em humanos, que custam caro e demoram anos”, informa o pesquisador.

Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/03/17/a-ameaca-da-febre-amarela>. Acesso em: 8 de Maio de 2019 (adaptado).



TEXTO II

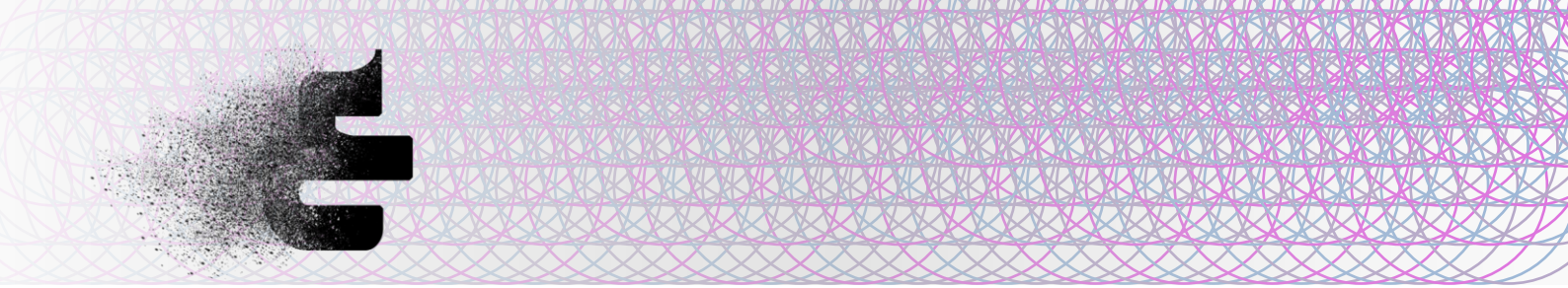
O Brasil vive uma nova epidemia de sífilis, uma doença sexualmente transmissível que parecia existir, para a maior parte da população, apenas nos livros de história. A doença, causada por uma bactéria, pode levar a problemas de fertilidade e até a morte, se não tratada. A maior preocupação é com a transmissão de mulheres grávidas para os fetos. Os bebês podem sofrer malformações no sistema nervoso, perder a visão ou a audição e até mesmo morrer. O Ministério da Saúde divulgou dados recentes mostrando que o número de pessoas infectadas no Brasil aumentou 32,7% entre 2014 e 2015. "Esse aumento não está acontecendo só no Brasil, é um problema global", afirma Adele Benzaken, diretora do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde. A notícia pode causar espanto – não entre os especialistas em saúde, que há tempos percebem o aumento de casos –, mas entre a população. Por que uma doença de antigamente voltou a ser uma ameaça em 2016?

As causas para o aumento recente dos casos ainda estão em investigação. Mas algumas mudanças comportamentais ajudam a entender por que a bactéria voltou a assustar. Um dos principais motivos é, ironicamente, o fato de a aids ter deixado de assustar. Com o sucesso dos tratamentos antirretrovirais, que afastaram da doença o rótulo de fatal, as gerações mais jovens relaxaram nos hábitos de prevenção. Os jovens de 13 a 15 anos estão se protegendo menos na hora do sexo, segundo um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2012, 75% dos entrevistados usaram preservativo em sua última relação sexual. No ano passado, apenas 66% fizeram uso da camisinha.

Disponível em: <http://epoca.globo.com/saude/noticia/2016/11/por-que-o-brasil-vive-uma-epidemia-de-sifilis.html>. Acesso em: 8 de Maio de 2019 (adaptado).

TEXTO III

“A falta de água e a dificuldade de higienização decorrentes da seca que atinge os reservatórios da região Sudeste devolvem ao radar da saúde pública a necessidade de prevenir doenças que já eram consideradas erradicadas nas grandes metrópoles, como tifo e cólera.”.



O armazenamento improvisado de água nas residências também aumenta e eleva o risco de enfermidades tradicionalmente comuns no verão: dengue, febre chikungunya e rotavírus, além de diversos tipos de diarreia e hepatites A e E. "De repente, estamos voltando no tempo com doenças supostamente eliminadas no século retrasado", diz Pedro Mancuso, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP. Segundo ele, um ambiente sem água é, do ponto de vista das políticas públicas de saúde, um retrocesso que expõe a população a patologias comuns por volta de 1800, época em que o pesquisador John Snow descobriu, no Reino Unido, que a água transmitia doenças. "O pior dos mundos é a falta de água. Quando você tem água, mesmo de qualidade duvidosa, você pode fazer alguma coisa em casa. Agora, com água zero, não tem o que fazer", diz Mancuso.

Christovam Barcellos Netto, pesquisador do Laboratório de Informação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), trabalhou como sanitarista das Secretarias Estaduais de Saúde do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Para ele, o principal risco em cidades sem água, ou com racionamento drástico, é que doenças que hoje ocorrem isoladamente ganhem mais poder de transmissão, como no caso da febre tifóide e cólera.

"Essas são doenças muito relacionadas à falta de higiene. A cólera é o pior que pode ocorrer. É o pior cenário, mas o radar da saúde pública tem que estar atento para isso sim", afirma Barcellos, que descarta epidemias generalizadas, mas casos isolados e surtos em pequenas comunidades. "Atualmente, a pessoa que fica doente vai tomar banho, se lavar. Mas, se não houver condições mínimas de higiene, a doença vai se transmitir."

Disponível em: <http://www.cidadessustentaveis.org.br/noticias/falta-de-agua-e-higiene-precaria-podem-trazer-doencas-antigas-de-volta-cidades>. Acesso em: 8 de Maio de 2019 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "A volta de doenças erradicadas no Brasil" apresentando a proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa do seu ponto de vista.